

As invenções do cotidiano:

O Descobrimento do Brasil e a Conquista do Tetra*

Everardo Rocha**

* Este artigo é dedicado a Roberto e Celeste DaMatta. A 1ª parte dele foi publicada no número anterior de Pesquisa de Campo.

**Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ
- Pesquisador do CNPq
- Professor da COPPEAD/UFRJ, PUC-Rio e UERJ.
Autor do livro *A Sociedade do Sonho: Comunicação Cultural e Consumo*, Mauad, 1995.

Para mostrar a pertinência destas idéias de uma seleção que dispensa a presença do técnico ou, ao menos, o torna uma figura *fraca*, é interessante acompanhar um texto do jornalista Maurício Cardoso que fala de técnicos e seu espaço nas seleções brasileiras. É importante notar que esta matéria foi publicada na mais importante revista semanal brasileira — a *Veja* — numa edição extra comemorativa do tetracampeonato. Nela o jornalista diz:

Em 1958, quando o Brasil conquistou seu primeiro título mundial, na Suécia, dizia-se que o técnico Vicente Feola dormia no banco de reservas enquanto Didi e Bellini resolviam as melhores opções táticas para o time. Em 1962, no bicampeonato do Chile, foram também os próprios jogadores que impuseram ao técnico Aymoré Moreira a escalação do zagueiro e capitão do time Mauro, em substituição a Bellini. Em 1970, foi sob a pressão de jogadores como Pelé, Gérson e Carlos Alberto que Tostão e Everaldo ganharam seus lugares como titulares. (Veja, 18/7/94)

É óbvio que não estamos discutindo aqui a justiça ou não destas histórias. Pessoalmente penso que são injustos. O ponto, entretanto, é bem outro. A questão principal é que elas, adquirem *valor de verdade*, virando *imagens* selecionadas (vale a redundância) como autênticas. Estas imagens são como figuras, peças, pedaços, fragmentos que se articulam em um discurso — coeso e recorrente — para falar de seleção brasileira.

Assim, ao lugar pouco importante atribuído ao técnico, adicionamos um conjunto amplo de imagens relacionadas ao futebol sem comando, rebelde, espontâneo, malandro, improvisado, solto, natural e, conseqüentemente, criativo do brasileiro. Em 58, ensinam nossos mitos, a copa do mundo foi decidida pelo gênio de *pernas tortas* — Garrincha — e pelo talento absoluto de uma *criança* — Pelé. Em 62, Pelé fica de fora machucado, então a *alegria do povo* — Garrincha, outra vez — assume: dribla, chuta, passa, entontece os adversários. Mas, como a genialidade é inesgotável, o jovem Amarildo, substituto de Pelé, entra fazendo gols milagrosos contra a Espanha e a Tchecoslováquia. A copa de 70 é uma espécie de auge mitológico. Se já tínhamos muitos gênios nas copas anteriores, nesta é a apoteose. Pelé, na melhor forma, comanda uma galeria de craques — Tostão, Gérson, Carlos Alberto, Rivelino, Jairzinho — capazes de fazer o maior espetáculo da terra. A imagem geral dominante é a de um ou vários salvadores da pátria, prontos para *descobrir* os espaços nos complexos esquemas planejados dos adversários, aptos para derrubar as táticas das defesas organizadas. Nossa representação é a de que com jogadores como estes não é preciso técnico, nem é necessário treinar ou organizar o jogo. Eles sozinhos são capazes de resolver tudo¹.

¹Diz a lenda que Garrincha, após o término da copa de 58, teria perguntado se não tinha retorno e é atribuída à Didi a frase "treino é treino, jogo é jogo". Os dois episódios apontam para espontaneidade, arte, talento e improviso, como signos por excelência, para nós brasileiros, do futebol bem jogado. Lembremos ainda que Garrincha e Pelé entram em 58 exatamente contra a Rússia, cuja imagem na época ligava-se a um grande desenvolvimento tecnológico que tinha no Sputnik um símbolo máximo da superioridade tecnológica na corrida espacial.

Este futebol moleque, atrevido, os mais sofisticados dizem futebol-arte, é a imagem que preferimos e com a qual orgulhosamente representamos o futebol brasileiro. A imagem do futebol inventivo é algo que pode ser aproximado de um sistema onde a instância decisiva está na genialidade do jogador, sua capacidade de improvisação. Imagem de um futebol onde os planejamentos táticos, as organizações e esquemas estariam submetidos, encompassados e superados pelo talento *natural* do brasileiro. Estas representações, é claro, são opostas àquelas que temos a respeito do jogo do estrangeiro europeu, praticante do futebol-*força*, que, ao contrário do nosso, é esquemático, planejado, *fechado, preso e duro de cintura*².

Toda a argumentação que venho desenvolvendo para demonstrar algumas das nossas representações do futebol em geral e da vitória na copa do mundo em particular, parecem cair por terra quando falamos da seleção de 94, a tetracampeã do mundo. Não foram poucos os que comentaram — pela imprensa ou entre amigos — preferir ganhar a copa de outra maneira ou, mais radicalmente, que ganhar com um futebol *feio, esquemático, fechado, sem arte, baile*³ ou *categoria* não valia à pena ou ainda que não havia sido uma vitória do *verdadeiro* futebol brasileiro. Durante a copa, a seleção foi duramente atacada pela crônica esportiva. O futebol que apresentava era visto, para dizer o mínimo, como *feio* e cauteloso em excesso. A comissão técnica foi objeto de uma acirrada campanha com poucos defensores. Não havia muita polêmica, a crítica era cerrada, praticamente unânime. O supervisor Zagalo era *retranqueiro*, apaixonado pelo empate e com medo de atacar — todas acusações duras no mundo do nosso futebol. O técnico Parreira carregava todos os

²Não é por acaso que a letra da música comemorativa do título de 58 falava que "O brasileiro lá no estrangeiro/ Mostrou o futebol como é que é/ Ganhou a taça do mundo/ Sambando (bailando em algumas versões) com a bola no pé", equacionando o jogo de futebol à arte da dança. São muitas as metáforas futebolísticas ligadas ao universo da arte, especialmente as idéias de que um time superior "dá um baile" no outro, o jogo é um "ballet" ou a jogada do craque uma "pintura".

³Um ponto importante é que a imagem de organização e disciplina, tradicionalmente equacionada ao futebol europeu, já não se aplica aos nossos vizinhos sul-americanos (em especial Argentina e Uruguai, os maiores rivais). A representação aproxima no plano simbólico o futebol do continente que se opõe, em bloco, ao europeu. Também por força da representação de uma "formação brasileiro" - que DaMatta (1981) chama de "fábula das três raças" - aproximamos o futebol africano do nosso, como se fosse uma "necessidade lógica", "obrigação histórica" ou "destino biológico" que o futebol de lá seja, um dia, tão bom quando o daqui.

defeitos que poderiam ser atribuídos ou estar contidos na figura do treinador. O time era *defensivo e medroso*. A culpa em geral não era atribuída aos jogadores, eram os chefes, estes sim, os verdadeiros responsáveis. Enfim, o futebol apresentado pela seleção não foi bem visto nem pelo público nem pela crítica.

Para elucidar tudo isto melhor, vamos continuar acompanhando a matéria do jornalista Maurício Cardoso:

Assim, Parreira acabou montando um time à sua imagem e semelhança; metódico, conservador, preferindo sempre a segurança da defesa à ousadia do ataque. Interpelado por um jornalista francês que às vésperas da grande decisão com a Itália reclamava que o time do Brasil era "exageradamente disciplinado e organizado", Parreira experimentou um raro momento de exaltação: "Entendi. Vocês querem o velho Brasil desorganizado e improvisador. O que há de errado em se organizar? Pelo menos no futebol, se depender de mim, vocês nunca verão um Brasil desorganizado". (Veja, 18/7/94)

É fundamental notar que a organização da equipe, a tática do jogo e as estratégias possíveis para o campo de futebol, começam, nas palavras do técnico ressaltadas pelo jornalista, a deslizar para representações mais amplas da própria nação brasileira. Ele (como de resto todos nós) ao falar de seleção, acaba transpondo uma fronteira e falando de algo bem mais abrangente, que é o próprio Brasil. A nitidez destas equivalências — do futebol à nação — aparece com clareza ainda maior na matéria "A eficiência da retranca" do jornalista Eurípedes Alcântara, publicada na mesma edição extra de Veja sobre o tetracampeonato. O texto

É fundamental notar que a organização da equipe, a tática do jogo e as estratégias possíveis para o campo de futebol, começam, nas palavras do técnico ressaltadas pelo jornalista, a deslizar para representações mais amplas da própria nação brasileira.

inicia da seguinte forma:

O futebol brasileiro acaba de revelar uma imagem surpreendente do país. O Brasil tetracampeão do mundo é disciplinado, metódico, obediente, organizado, solidário e bem preparado — um país bem diferente do jeitinho e da improvisação. Esse time regular, num país que já apresentou ao mundo gênios da bola como Pelé e Garrincha, desta vez é um campeão sem heróis. A única excessão, Romário, não seria escalado na seleção de 1970, que tinha craques bem maiores do que ele para a mesma região do gramado. O Brasil tetracampeão do mundo reuniu um grupo de jogadores que não são poetas da bola. Mas eles saíram dos Estados Unidos como os donos da bola — até 1998. (Veja, 18/7/94)

Neste texto, o jornalista leva ao limite uma especulação que nós é bastante familiar. Trata-se de falar do Brasil, através do futebol. De fato, a temática básica que a seleção brasileira de 94 atualizava ligava-se às representações da *organização*, da *disciplina* e do *método*. Numa palavra; o universo da *rua*, da lei e da ordem. Representações que sabemos são mais adequadas à uma seleção alemã ou inglesa — porque, em primeiro lugar, são parte do nosso acervo de imagens dos europeus desenvolvidos e *civilizados*. Em um certo sentido, a seleção de 94 — e por extensão a nação brasileira como um todo — traria "uma imagem surpreendente". Por força desta "imagem surpreendente" talvez estivéssemos dizendo, através do time de futebol, da nossa capacidade ou desejo de *organizar* um Estado moderno, dentro da *metódica* ideologia burguesa e resolvendo *disciplinadamente* desavenças políticas e problemas econômicos ⁴.

⁴ Cabe notar que na mesma época da copa, era implantado no Brasil o "plano real". Naquela ocasião, o então ministro da fazenda Fernando Henrique Cardoso, dizia pela imprensa que não era nenhum "salvador da pátria".

⁵ Estado, produtivismo, individualismo e historicismo podem ser apontados como eixos estruturadores do grande processo de transformação pelo qual passou o Ocidente moderno através da Revolução Industrial. Ver Rocha, Everardo (1995) e Polanyi, Karl (1980)

⁶ Mesmo o atacante Romário, bastante badalado durante a copa, não tinha atingido este patamar de "salvador da pátria". Pelo menos não ao nível de outros "heróis nacionais" de copas anteriores, conforme a matéria de Veja, com a qual muitos torcedores provavelmente concordam.

Assim, a lógica produtivista, o Estado moderno, o individualismo burguês e a temporalidade historicista entrelaçando acontecimentos na impecável sequencialidade evolucionista, parece ser uma das imagens dramatizadas pela seleção tetracampeã do mundo⁵. Do gênio improvisador de 58, 62 e 70 aos organizados burgueses de 94, existe uma imagem importante nesta seleção, nos levando da desordem para a ordem, do improviso para a organização, do jeitinho à burocracia, da malandragem às leis universais, da casa para a rua. Nos termos em que estamos discutindo aqui, a imagem da seleção também nos leva do acaso dos *descobrimientos* aos processos negociados das *fundações*, dramatizamos a alternância dos *descobridores* mágicos aos *fundadores* humanizados. Nesta seleção ninguém se destacou como herói absoluto⁶. Como mostra a matéria de Veja — e é próprio dos meios de comunicação de massa expressar o consenso — este teria sido um time que desta vez foi “um campeão sem heróis”.

V. Um estudo sobre as imagens do Brasil dramatizadas através do futebol ou das representações atualizadas pelas nossas seleções nas copas do mundo, poderia, com certeza, prosseguir indefinidamente. A verdadeira magia do futebol brasileiro — o futebol no imaginário dos brasileiros, bem entendido — está principalmente no fato de que este é o jogo escolhido como preferencial para, através dele e de suas práticas, falarmos sobre nós mesmos. Neste sentido é importante deixar bem nítida a intensão deste artigo. Não estou dizendo que a seleção tetracampeã expressou uma única representação do Brasil. Na realidade, outra mágica do futebol é que um mesmo acontecimento permite atualizar aspectos diversos. É precisamente isto o que faz Simone Guedes

(1995) ao analisar imagens relacionadas com o jogador Romário nesta mesma copa do mundo. Assim se a seleção do tetra de 94 pode ser capaz de nos dizer sobre disciplina, organização, obediência ao comando, aplicação tática, métodos de treinamento e racionalidade, ela também permite falar sobre heróis poderosos e rebeldes.

Da mesma forma e por força da mesma lógica as seleções de 58, 62 e, particularmente, a de 70 também poderiam oferecer imagens ligadas à organização e à disciplina. De fato, em 70 falamos da longa preparação e adaptação *cientificamente* planejada à altitude do México, falamos até do cuidado em equipar os jogadores com uma camisa de tecido mais leve. No entanto penso que o aspecto dominante naquela seleção ou seja as imagens marcadas, aquelas que lembramos e que ficaram como história, foram as jogadas geniais de Pelé e, em especial, o virtuosismo paradoxal do herói — os gols não marcados. É neste sentido de uma “multivocalidade do futebol” (DaMatta, 1995), da sua capacidade de representar dramas sociais diversos, que acredito em uma *leitura* da seleção de 94 com base em um código típico disso que chamamos modernidade.

Assim, podemos constatar uma oposição significativa entre a experiência do aprendizado da descoberta do Brasil — o acaso, o heróico descobridor, o demiurgo capaz de resolver sozinho ou o salvador da pátria — e as imagens da seleção brasileira na copa de 94 — o grupo disciplinado, o planejamento, a organização, a hierarquia de comando, a racionalidade, o método para atingir objetivos. Tudo isso é parte do acervo de imagens que registramos dos jogos da copa, é disto também que reclamaram muitos torcedores e comentaristas esportivos muito mais acostumados com

De fato, em 70 falamos da longa preparação e adaptação *cientificamente* planejada à altitude do México, falamos até do cuidado em equipar os jogadores com uma camisa de tecido mais leve.

as representações do Brasil criativo e improvisador, tradicionalmente atualizadas em nosso universo do futebol. De alguma forma gostamos de imaginar que fazemos certas coisas magicamente. Assim, nossa cultura realiza a maior festa do planeta terra e a segunda e a terceira e a quarta — o carnaval do Rio de Janeiro, de Salvador ou Recife, o reveillon de Copacabana — e pensamos que em tudo isto estamos improvisando. Na verdade, sem organização, trabalho, comando, planejamento e administração, dificilmente quaisquer destas festas aconteceria. Quem duvida que *improvisar* no próximo sábado, na própria casa, um jantar para trinta pessoas. Entretanto, a sensação que sublinhamos é a de que tudo acontece assim meio por acaso, como uma espécie de *descobrimto*...

Um outro exemplo do modo de atuação destes princípios diferenciados em um contexto semelhante nos é oferecido pela arena da *fórmula um*. Aqui, outra vez, cabe ressaltar que a trágica morte do piloto Ayrton Senna levou a cultura brasileira a realizar aquele que provavelmente será considerado como o maior ritual funerário da história da humanidade. E Ayrton Senna foi um personagem fundamental — em especial pelo seu comovente orgulho de ser brasileiro — em um grande drama onde se opõem elementos ligados à racionalidade tecnológica e ao heroísmo mágico. A *fórmula um* por suas características intrínsecas é um cenário privilegiado para a dramatização de dois mundos. Nela estão, a um só tempo, em aliança e oposição, a face técnica, racional e utilitária e a face talentosa, épica e corajosa do herói. Senão vejamos; a maioria dos personagens do chamado circo da *fórmula um* nos remete ao universo tecnológico e científico.

Em primeiro lugar, ali a máquina é o centro do sistema. Em seguida, boa parte dos atores são

engenheiros, técnicos, peritos, projetistas, chefes de equipe, mecânicos e especialistas diversos. Os objetos típicos daquele cenário são cronômetros, computadores, aceleradores, pneus, gasolinas, aerofólios, motores, óleos, freios, embreagens, cilindradas, cockpits e etc. Trata-se, enfim, da esfera da alta tecnologia, do campo de provas e propaganda de uma indústria — a automobilística — das mais fundamentais no mundo moderno. Apenas um ator dentre os atores do circo da *fórmula um* terá que encompassar toda esta parafernália tecnológica e submetê-la à uma categoria não racional: o talento. Este definitivamente não é obtido pela ciência ou pela razão. O talento é mágico, intuitivo, sensível, criativo, improvisador e, por que não dizer, mágico mesmo. Algo dotado pelos deuses e elaborado pelos homens de valor. No universo das práticas tecnológicas, a instância decisiva é o humano, no reino da razão prática, quem decide é o talento.

Este panorama característico proposto pelo mundo da *fórmula um* é, por si só, desafiador ao propor a convergência de elementos opostos. As regras do jogo são claras; conciliar a racionalidade técnica com o gesto criativo. No caso da atuação brasileira na *fórmula um*, fica evidente que realizamos uma opção preferencial pela ocupação dos espaços destinados aos heróis e não a dos espaços destinados à tecnologia. Nossa ocupação do espaço do herói, no entanto, foi realizada com extrema competência. Nossos pilotos estão na galeria dos melhores da competição, possuímos grande número de títulos de campeão do mundo, diversos records obtidos e, hoje, qualquer história da *fórmula um* passa pela presença brasileira. O ponto importante no entanto é outro. Um dia tentamos marcar uma presença também no espaço da tecnologia e fizemos

O talento é mágico, intuitivo, sensível, criativo, improvisador e, por que não dizer, mágico mesmo. Algo dotado pelos deuses e elaborado pelos homens de valor.

Na verdade, sem organização, trabalho, comando, planejamento e administração, dificilmente quaisquer destas festas aconteceria.

O simbolismo do herói solitário no seu cockpit, vestido como cavaleiro medieval e guiando como anjo, deu lugar às imagens do carro parando no meio da corrida, dos problemas mecânicos intermináveis, das hesitações da equipe na solução dos enigmas os mais diversos.

uma equipe de competição — o *copersucar*. Aqui é importante lembrar que o carro era guiado por Emerson Fitipaldi, brasileiro e um dos maiores pilotos da *fórmula um* da época e, ainda hoje, um brilhante corredor na *fórmula indi* norteamericana. O interessante é que Emerson foi nosso primeiro ganhador de corridas e campeonatos — um verdadeiro herói nacional. No entanto, quando montou a equipe e o país passou a ter também um carro de competição e não apenas um herói que pilotava, os problemas começaram. O simbolismo do herói solitário no seu cockpit, vestido como cavaleiro medieval e guiando como anjo, deu lugar às imagens do carro parando no meio da corrida, dos problemas mecânicos intermináveis, das hesitações da equipe na solução dos enigmas os mais diversos, da profunda impaciência de todos nós para esperar a lentidão das conquistas tecnológicas e o aperfeiçoamento lento de motores, máquinas e mecânicos. Reagimos mal à proposta de também *ser* tecnologia e, radicais, resolvemos tornar o *copersucar* motivo para a ridicularização, a chacota, a brincadeira. O carro virou bem rapidamente objeto preferencial da gozação nacional. Penso que o estudo aprofundado do episódio *copersucar* poderia revelar algo significativo sobre nossas escolhas daquelas representações que julgamos mais adequadas como modelos do Brasil, como espelhos de si mesmo. Meu palpite é que o pouco apreço, comparativamente falando, que demonstramos pela seleção tetracampeã do mundo e que no entanto não jogou o *verdadeiro futebol brasileiro* possui algo de semelhante, lembrando o paradoxo da performance carro. A tecnologia do *copersucar* era precária, levaria tempo desenvolvendo, enquanto isso nosso campeão estava, pateticamente, atado ali dentro. Creio que este ideal de paciência, método, disciplina e organização foi,

em um certo sentido experimentado com sucesso no tetracampeonato. Aqui, afinal das contas, juntamos motor com talento, máquina, racionalidade, planejamento tático e organização com vitória nos penalties — aliás, como dizia João Saldanha, uma jogada de precisão.

Assim, penso que se não é totalmente verdadeira, ao menos é muito boa para pensar a imagem que a seleção de 94 nos deixa gravada na memória: é possível vencer como alemães. Apesar de tudo, podemos fazer as duas coisas, tanto a vitória glamurosa quanto o planejamento vitorioso. Numa cápsula aprendemos, nas imagens do tetra, que o Brasil pode se organizar e... vencer, que talvez não precisemos de heróis, políticos populistas, salvadores da pátria, figurões, líderes carismáticos, medalhões, ditadores ou caudilhos nos ensinando os caminhos do paraíso. Talvez, por força daquele jogo amarrado e feio se possa encenar um drama diferente e afinal não seja preciso nenhum Dom Sebastião resgatando a alma e cobrando a conta.

Penso que se não é totalmente verdadeira, ao menos é muito boa para pensar a imagem que a seleção de 94 nos deixa gravada na memória: é possível vencer como alemães.

BIBLIOGRAFIA

- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1979.
- _____. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, Editora Vozes, 1981.
- _____. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- _____. *Conta de Mentiroso: Sete Ensaios de Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1993.
- _____. *Entrevista in Pesquisa de Campo nº1*, Rio de Janeiro, Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- GUEDES, Simone Lahud. *O Salvador da Pátria: Considerações em torno da imagem do jogador Romário na copa do mundo de 1994 in Pesquisa de Campo nº1*, Rio de Janeiro, Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ, 1995.
- HELAL, Ronaldo. *O que é Sociologia do Esporte*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.
- Henriques, Ricardo. *Economia em Rumos Sombrios: Inflação, Ordem e Violência in Na Corda Bamba: Doze estudos sobre a Cultura da Inflação*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: As Origens da nossa Época*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.
- ROCHA, Everardo. *A Sociedade do Sonho: Comunicação, Cultura e Consumo*. Rio de Janeiro, Editora Maud, 1995.
- _____. *Cientes e Brasileiros: Notas para um Estudo da Cultura do Banco do Brasil*. Brasília, Direc/Desed, 1995b.
- _____. *Cultura e Valores no CTAA: Notas para uma Antropologia das Organizações*. Rio de Janeiro, CTAA/Embrapa, 1995c.